

«A rainha das histórias de amor
que enchem o coração.»

Jill Mansell

Como um
instante
pode mudar
uma vida.

O Fio da Felicidade

TOP
SEL
LER



*Para a Lizzie Neath
Com profunda gratidão pelo seu maravilhosamente generoso
donativo para o auxílio das vítimas
da tragédia da Torre Grenfell.*

Capítulo 1

O que poderia ser mais glorioso do que estar sentada numa esplanada numa tarde soalheira de junho, a usar um maravilhoso chapéu novo e a testemunhar um crime prestes a acontecer?

Zillah Walsh ajustou a aba do chapéu de feltro vermelho e recostou-se, observando fascinada a cena que se desenrolava diante de si. O rapaz preparava-se claramente para roubar.

Que emocionante.

OK, ainda não tinha acontecido, mas ele estava claramente em modo de roubo. Dava para perceber pela sua linguagem corporal: a hesitação, o ar de descontração encenado, os olhares repetidos por cima do ombro esquerdo para o cliente idoso que estava atrás dele.

Também era bastante visível que ele não era o mais talentoso dos criminosos, uma vez que não tinha notado que o dono da loja estava a observá-lo atentamente pela janela.

Oh, pobre rapaz. O que ele estava a fazer era errado, claro que era, mas Zillah não conseguiu controlar-se. Sentiu pena dele. Agora estava a pegar no objeto do furto, fingindo examiná-lo enquanto o aproximava furtivamente do bolso do seu casaco cinzento.

Entretanto, o dono da loja aproximou-se da porta e preparava-se para o agarrar...

Oh, não, ela não podia deixar aquilo acontecer.

— Querido, mudei de ideias! — Zillah ergueu o braço para atrair a atenção do rapaz e gritou: — Podes trazer-me também umas daquelas? Vem cá, tenho de te dar mais dinheiro. — Ela acenou para ele e observou-o enquanto o rapaz reparava tarde demais no dono da loja a postos para o apanhar.

O rapaz voltou a pôr o objeto no expositor do lado de fora da loja e atravessou a rua estreita. Zillah tirou uma nota de cinco libras da carteira.

— Compra um saco grande delas, e depois senta-te aqui comigo. Se ele perguntar, diz-lhe que sou tua avó.

Ele fingiu-se inocente.

— Porque é que ele haveria de perguntar?

— Não brinques comigo. Porque acabei de te salvar de seres preso.

O rapaz ergueu uma sobrancelha.

— Está bem. Mas digo-lhe desde já que é *muito* mais velha do que a minha avó.

Zillah sorriu quando ele virou costas. Perguntou-se por um breve instante se ele fugiria com a nota de cinco libras, mas não. Voltou à mercearia e agora estava a escolher frutas do expositor.

O dono da loja lançou um olhar desconfiado na direção de Zillah e ela acenou-lhe com um ar encantador. Ah, sim, havia alturas em que ser uma octogenária bem-falante e delicada era útil.

— Aqui tem. — O rapaz regressou, entregando-lhe um saco cheio de maçãs *Pink Lady*.

— Obrigada. Podes ficar com duas. E eu não sabia se bebes café — disse Zillah enquanto ele lhe punha o troco na mão —, por isso pedi um sumo de laranja para ti. — Ela apontou para a cadeira vazia à sua frente. — Senta-te.

O rapaz sentou-se.

— Porque é que a senhora está a fazer isto?

— Honestamente? Fiquei intrigada. Não é mais comum os adolescentes roubarem latas de bebidas energéticas ou de sidra forte? Não costumo ouvir falar de jovens que roubam maçãs.

Ele tinha um rosto magro, cabelos escuros espetados e olhos atentos.

— Eu gosto de maçãs. Não é costume tê-las na minha casa.

As roupas dele eram baratas e estavam um pouco desalinhasadas. Zillah respondeu:

— Eu também gosto de maçãs. Mas não justificam ganhar cadastro na polícia.

— Achei que eles não se dariam a esse trabalho. O roubo não valia a pena o esforço.

— Talvez, mas não tens a certeza. Quantos anos tens?

O sumo de laranja chegou e ele bebeu uma série de goles sedentos.

— Obrigado. Tenho 16 anos. E a senhora?

— Tenho 83.

— Uau, é muito. Mas olhe que está muito bem. Para a sua idade, quero dizer.

— Obrigada — respondeu Zillah com um tom severo. — Esforço-me para isso.

— A senhora parece... rica. — O tom dele era factual.

— Uso maquilhagem. Compró roupas boas. Prefiro roupas extravagantes a roupas sem graça. — Ela apontou para o casaco de seda azul-pavão, para as contas de cores vivas que tinha ao pescoço, e depois inclinou a cabeça e deu um toque na aba do chapéu de feltro escarlate. — Também gosto muito de chapéus.

Ele fez um sorriso que lhe iluminou o rosto magro.

— Pois, uma coisa é certa, a senhora não se parece *nada* com a minha avó.

O nome dele era Ben, como ela veio a descobrir, e estava a baldar-se às aulas. Mas isso não importava, porque era apenas uma aula de Educação Cívica chata e sem importância.

— Como é que sabes que não tem importância — perguntou Zillah —, se não estás lá para aprender?

— Isso é o tipo de coisa que os professores dizem. Já lá fui vezes suficientes para saber que é chata. — Ben acenou com a cabeça para a mão esquerda da mulher, cujas costas estavam cobertas com um penso grande. — O que aconteceu com a sua mão?

— Estive no hospital hoje de manhã. É apenas uma pequena cirurgia.

— De que tipo?

— Mandei remover uma tatuagem. — Zillah bebeu um gole de café.

— *A sério?*... Ah, está a brincar. — Ele pareceu desiludido. — O que foi a afinal?

— Um quisto sinovial.

— Isso é cancro?

Ela abanou a cabeça.

— Não, não é nada assim tão grave. Simplesmente drenaram o líquido do quisto.

Ben disse:

— Bom, ainda bem. Mas o que teria feito se fosse cancro? Estou sempre a pensar nessas coisas, a senhora não? Faria uma lista de coisas que quer fazer antes de morrer?

Zillah deu uma gargalhada e pousou a chávena.

— Uma quê?

— Ora, já deve ter ouvido falar. As pessoas fazem essas listas quando descobrem que vão morrer. Um dos meus primos vive em Swindon e o vizinho dele tem cancro. Ele escreveu uma lista de coisas que queria experienciar, e fez uma viagem de balão, o que foi muito bom, mas depois morreu antes de poder fazer mais alguma coisa. Tipo, ele queria conhecer o Mick Jagger, mas não pôde. Estava toda a gente a angariar fundos para o mandar a um concerto dos Rolling Stones, mas acabaram por usar o dinheiro para pagar o funeral.

— Eu já ouvi falar dessas listas — assentiu Zillah, porque ele ainda estava a olhá-la com uma expressão inquisitiva.

— Se descobrir que vai morrer, deve fazer uma.

— Querido, tenho 83 anos. De qualquer forma, não me restam muitos anos. Não me parece que as pessoas façam esse tipo de listas na minha idade.

Ben abanou a cabeça.

— Deve ser estranho, ser tão velha.

Zillah estava a divertir-se imenso, especialmente porque o dono da mercearia continuava a observá-los, tentando perceber se eram realmente parentes.

— Uma pessoa habitua-se. Então, diz-me, o que escreverias na tua lista de desejos?

— Boa pergunta. — Ele apontou para ela com um ar de aprovação. — OK, o que é que eu desejaria? Queria sair à noite com a Miley Cyrus. Sabe quem é?

— Cantora. Usa pouca roupa. Conhecida por um movimento de dança chamado *twerk*. É essa?

— Sim. E queria nadar com golfinhos. E sem dúvida visitar a Disneyland. E compraria um passe anual para o jardim zoológico.

— Na Disneyland?

— Não, *aqui*. — Ben gesticulou por cima do ombro e ela percebeu que ele estava a apontar na direção do Bristol Zoo, a cerca de 800 metros atrás deles. — Não me diga que nunca lá foi? É fantástico. A entrada é caríssima, mas se comprar um passe anual pode entrar de graça as vezes que quiser. Todos os dias, se quiser.

Agora ele parecia realmente animado. Zillah disse:

— Quais são os teus animais favoritos no zoo?

— Oh, não, não me faça escolher. É onde quero trabalhar quando sair da escola no próximo ano. — Os olhos dele brilhavam. — É, tipo, o melhor lugar do mundo.

Quando terminaram as bebidas, Zillah pagou a conta e Ben disse:

— Pois, bem. Obrigado.

— O prazer foi meu. Podes fazer-me um favor em troca, se quiseres. Ele revirou levemente os olhos.

— O quê, chegou a hora do sermão? Vai pedir-me que pare de roubar em lojas?

— Não precisas de mim para te dizer isso. Na verdade, eu queria saber se podes ajudar-me a levar as minhas coisas para o carro. Dói-me um pouco a mão. — Ela apontou para o penso nas costas da mão. — E eu sou tão velha.

Zillah não era tola; ela sabia que havia uma pequena possibilidade de, ao passar as suas coisas a um estranho, incluindo a sua mala, ele fugir com elas. Mas queria correr esse risco, e isso implicava esperar pelo melhor.

Era um caminho íngreme que passava pela Ponte Suspensa de Clifton, e pela vasta extensão de relva que separava as lojas do hospital onde a pequena cirurgia daquela manhã fora realizada. Sendo Clifton o pesadelo de estacionamento que era sempre, ela deixara o carro no estacionamento do hospital.

Quando finalmente chegaram, 15 minutos depois, Ben pousou os vários sacos de compras na bagageira e devolveu-lhe a mala grande de couro.

— Obrigada — disse Zillah. — Fico-te muito grata.

— Belo carro. — Ele passou levemente a mão sobre a pintura brilhante azul-marinho do *Mercedes*.

— Eu sei. Posso dar-te boleia até casa, se quiseres.

Ele deu uma gargalhada.

— A senhora não sabe onde eu moro. Se tentar passar pela minha rua com este carro, fica sem ele. Haviam de lho tirar e de a deixar caída na sarjeta.

— Bem, se tens a certeza. — Abrindo a carteira, Zillah percebeu tarde demais que o pagamento da conta no café a deixara sem trocos. Abanou a cabeça. — Oh, olha, eu queria dar-te algumas libras, mas não tenho nada. Desculpa.

O rosto de Ben cobriu-se de desilusão; estava claramente à espera de uma gorjeta.

— Não faz mal — disse, tentando fingir indiferença. — Não tem importância.

— Toma, escreve aqui a tua morada e eu envio-tas por correio. — Encontrou uma caneta e um recibo antigo no fundo da mala. Ben hesitou por um segundo, e depois fez o que ela pediu. Devolvendo-lhos, disse:

— Não precisa de fazer isso.

— Se eu enviar o dinheiro, ele vai chegar a ti?

— O quê, duas libras num envelope? — Ele encolheu os ombros.

— Suponho que há milagres.

— Leva também as maçãs — Zillah sorriu quando as entregou ao rapaz. — São tuas.

*

Naquela noite, na sua casa, em Bath, ela endereçou um envelope a Ben, colocou uma nota de dez libras dentro dele e acrescentou um breve bilhete que dizia: *Gostei de te conhecer!*

Uma hora depois, tendo visitado o site do Bristol Zoo e comprado um passe anual em nome dele, imprimiu a confirmação e juntou-a ao conteúdo do envelope.

Em seguida, selou o envelope e serviu-se de um gin tónico gelado e levantou o copo numa celebração silenciosa.

Ele iria usar o passe?

Ou iria vendê-lo para fazer dinheiro rápido?

Quem poderia saber? Ela não, certamente.

Bem, ao Ben, o ladrão de maçãs inepto. Tchim-tchim!

Capítulo 2

Eram 17 horas e as luzes de Natal estavam acesas, iluminando a movimentada rua comercial lá em baixo, enquanto flocos de neve caíam de um céu escuro. Através da janela do terceiro andar do prédio georgiano, Conor McCauley olhou para os compradores absortos de Bath, observou a atmosfera festiva e ouviu o som distante de Mariah Carey a cantar sobre o que queria para o Natal. Mais perto, também conseguia ouvir o som de um violino. A música era familiar e assombrosamente melódica, e ele abriu a pesada janela de guilhotina para poder ouvi-la com mais clareza.

Ali estava o violinista, alto e de cabelos compridos, de pé no meio da rua, que fora fechada ao trânsito naquela noite. Enquanto ele tocava, as dobras do seu casaco comprido estilo Sirius Black balançavam em volta das suas pernas finas cobertas com umas calças de ganga. Tinha um chapéu no chão à sua frente, contendo um punhado de moedas. Poucas pessoas paravam para o ouvir — estavam demasiado ocupadas e com demasiado frio —, mas ele continuou ainda assim, com o arco a dançar sobre as cordas enquanto tocava, perdido na beleza da música...

No momento seguinte, Conor teve de olhar duas vezes, porque o violinista já não estava sozinho. Uma rapariga tinha aparecido do nada e lançou-se numa série de passos de ballet, o que o deixara sem fôlego. Ela usava um gorro branco, um blusão de penas e calças de ganga, e um cachecol longo de malha que balançava enquanto ela girava, dançava

e saltava como uma gazela. Os seus pés tinham calçados uns ténis brancos simples, mas isso não era impedimento para ela. Ele vislumbrou o sorriso amplo da rapariga enquanto ela levantava os braços, se lançava em mais um improviso elegante em torno do violinista como um fogo-fátuo, e depois executava um gracioso salto no ar seguido por uma série incrivelmente bela de piruetas.

Ao fim de dois minutos, terminou. Apesar da neve que caía, um grupo de cerca de 30 pessoas parara para assistir. Começaram a aplaudir entusiasticamente e deitaram dinheiro no chapéu do violinista. Consciente das moedas que tinha no bolso das calças de ganga, Conor sentiu-se tentado a atirá-las para lá também, mas achou melhor não; se acertasse na cabeça de alguém, poderia matar a pessoa.

O que não seria nada bom.

Enquanto continuava a assistir, fascinado pela imprevisibilidade e pelo encanto do cenário improvisado, a rapariga do gorro branco agitou brevemente os dedos enluvados na direção do violinista antes de pegar no saco de compras que largara no passeio e de desaparecer na multidão de pessoas que compravam prendas de Natal, e que se tinham mantido alheios ao espetáculo.

Por um momento, Conor só queria descer as escadas e correr atrás da rapariga desaparecida. Queria dizer-lhe o quanto o seu breve espetáculo fora delicioso, e descobrir quem ela era e o que a levava a fazê-lo. Se isto fosse um daqueles filmes românticos de que as mulheres gostam tanto, seria amor à primeira vista; o encontro casual sob a neve no meio da rua mudaria as suas vidas para sempre e levaria a...

A porta atrás dele abriu-se, e uma mulher de meia-idade entrou, carregando uma máquina fotográfica e uma empada de carne.

— Desculpe tê-lo feito esperar tanto, querido. O Arthur não se lembrava de onde a tinha posto! A sua memória já não é o que costumava ser, coitado. Mas pelo menos ainda sabe reparar máquinas fotográficas. Aqui tem, já está arranjada. E ele mandou-me oferecer-lhe uma empada para o compensar pela espera.

Quando Conor pagou e deixou a minúscula oficina no terceiro andar do edifício, a rapariga do gorro branco já desaparecera há muito

tempo, e o violinista de cabelos compridos também partira. Até a neve tinha parado de cair.

Era como o filme *Brigadoon*, como se todo o cenário mágico que testemunhara nunca tivesse existido.

Desiludido, Conor fez a única coisa que podia e deu uma dentada resignada na empada de carne.

Enfim...

Capítulo 3

— Oh, Essie, olha para este sítio! É como se agora fosses uma adulta de verdade!

— Eu sei. Não é estranho? — Essie ainda se maravilhava com a forma como a sua vida mudara nos últimos 12 meses. Aos 25 anos, ela e Scarlett tinham vindo a dividir um apartamento velho e atulhado, com quantidades generosas de bolor no teto, cartazes a cobrir as fendas nas paredes, vizinhos barulhentos por cima e por baixo, e móveis que davam a impressão de terem sido tirados do contentor do lixo. Que, conhecendo o seu senhorio, era provavelmente a sua origem.

Então conhecera Paul, quase exatamente há um ano, e por algum milagre ele gostava tanto dela como ela dele. Melhor ainda, ao fim de 11 meses juntos, o senhorio anunciara que ia aumentar a renda e Paul dissera:

— Por aquela pocilga? Que grande lata. Manda-o pastar.

— Boa ideia — respondera Essie a brincar. — Vou fazer isso e mudar-me para um hotel de cinco estrelas.

Foi quando Paul lhe pegou nas mãos e a olhou nos olhos.

— Estou a falar a sério, Ess. Eu amo-te. Isto vai acontecer mais cedo ou mais tarde, portanto, porque é que não vens viver comigo?

Bem, nenhuma pessoa no seu juízo perfeito recusaria uma oferta assim. Paul era o tipo de namorado perfeito com que a maioria das raparigas só podia sonhar. Era bondoso, atencioso, bonito e despejava sempre o lixo da cozinha antes de ficar a transbordar.

Scarlett chamava-lhe Príncipe Encantado.

Agora ela olhou em volta para a casa, com admiração.

— Saíste-te bem, Cinderela.

— Eu sei que é bonita, mas não é por isso que estou aqui — disse Essie.

— Oh, claro, eu sei! Serias feliz a viver numa tenda se fosse para estares com o Paul. Só estou a dizer que o facto de ele ter esta casa é um bónus.

Essie sorriu e abriu a garrafa de vinho que tirara do frigorífico.

— Suponho que não prejudica.

— Não me consigo habituar à ideia de tudo ser tão perfeito. Os copos são um conjunto completo... as persianas da cozinha têm exatamente a mesma cor que os mosaicos do chão... até os panos con dizem com a torradeira!

— Não há nada de errado com um pouco de coordenação. — Servindo o vinho, Essie disse: — O Paul gosta de ter uma casa bonita, e agora eu também. Estou a crescer. Tchim-tchim!

— Tchim-tchim. Já agora, não estou a fazer pouco dele. Tu sabes que eu adoro o Paul. Mas tenho inveja... Quero dizer, olha para isto. — Scarlett exclamou alegremente. — Completamente vazio! Nem sequer tens loiça suja no lava-loiça!

— Isso é porque ele só saiu hoje à tarde. — Como Scarlett a conhecia bem, Essie não tinha de fingir que era uma fada do lar. — Ele vai estar fora dois dias, portanto vou ter de me certificar de que lavo a loiça toda antes de ele voltar.

Uma hora depois, a conversa foi interrompida por um telefonema do irmão de Essie, Jay.

— Oláááá, minha irmã favorita!

— Que barulheira — disse Essie, mal conseguindo ouvi-lo por cima do ruído de fundo das vozes e da música. — Onde estás?

— Estou numa biblioteca. OK, talvez não seja verdade. Estou aqui, em Bath. Vim para uma festa.

— E encontraste-a?

— Acredites ou não, encontrei. Espera, deixa-me ir para um lugar mais silencioso. OK, a questão é que, se a festa tivesse sido má, o plano

era voltar para casa. Mas não foi, é ótima, portanto só vou voltar amanhã. O que significa...

A voz dele falhou. Essie sabia o que aquilo significava. Ela decidiu perguntar:

— Vais passar a noite no carro? Está frio, sabes? É melhor pedires um cobertor emprestado.

— Já te disse que és a minha irmã favorita?

Ela era a sua única irmã. Essie respondeu:

— Talvez uma ou duas vezes.

— Ess. Querida Ess. Posso dormir na tua casa?

O seu irmão vivia a 30 quilómetros de distância, em Bristol, e tinha velhos amigos em Bath. Três semanas antes, tinha-a visitado e passado a noite no quarto de hóspedes, antes de regressar a casa na manhã seguinte.

— Está bem — disse Essie. — O Paul não está cá, mas não importa.

— Ela sabia que Paul não se importaria. — A que horas chegas?

— Não sei. Mas vai ser tarde. Não fiques acordada à minha espera, basta que deixes uma chave nalgum lugar e eu entro.

— Está bem. Vou esconder uma debaixo do vaso azul junto à porta da frente. Mas não faças barulho, OK? Porque às vezes bastam passos pesados no andar de baixo para me acordar.

— Prometo ser silencioso! Como um túmulo — prometeu Jay. — E levo-te um café de manhã. Obrigado, Ess. És a maior.

Enquanto Essie estava ao telemóvel, Scarlett estivera a inspecionar os cartões de Natal alinhados por cima da lareira. Agora disse:

— Nenhum destes cartões tem brilhantes.

— Eu sei. — Essie também o notara; ela também gostava de cartões brilhantes.

— E também não têm nenhum Pai Natal. São todos, tipo... tão aborrecidos.

Aquele pensamento também cruzara a mente de Essie.

— O termo certo é «elegantes».

— Quem *são* estas pessoas?

— Amigos da família. Da Marcia, principalmente.

Marcia era a mãe de Paul. Scarlett fez uma expressão piedosa, depois pegou numa folha de papel dobrado que estava guardada atrás de um dos cartões.

— O que é isto, uma carta de amor secreta? Não me digas que o Paul te deixa bilhetes românticos para descobrires quando ele está fora... Oh, bolas. — Ela pareceu desiludida. — Não é uma carta de amor.

— É uma carta em cadeia — disse Essie. Esta carta em questão, escrita por uma das tias de Paul, chegara no dia anterior. Ela lera-a e desatara a rir, e Paul avisara-a de que chegariam mais. A sua família, segundo explicou, gostava muito da tradição de enviar cartas em cadeia, em que todos participavam; todos o faziam e ficariam desiludidos se ela e Paul não participassem.

— Eu já tinha ouvido falar delas, mas nunca tinha visto uma... Oh, meu Deus, isso é fantástico, que presunçosos! — Deixando escapar um grito, Scarlett adotou uma voz altiva e começou a ler em voz alta: — «O Jonathan conseguiu não se desgraçar e passou nos exames com onze vintes e um dezanove! É uma pena não ter tido nota máxima a tudo. Dissemos-lhe que tem de se esforçar *muito* mais no futuro! Entretanto, o Hugo foi promovido novamente e agora lidera uma equipa de 70 pessoas — aparentemente é a pessoa mais jovem a ocupar um cargo tão importante na empresa!». — Curvada de riso, Scarlett começou a seleccionar as melhores partes. — «As lições de violino da Arabella continuam a bom ritmo... ela foi inundada com ofertas para tocar em eventos de prestígio»... Ah, e «a permanência da Letitia no retiro de ioga no Arizona revelou-se maravilhosamente calmante e relaxante depois da pressão da sua deslumbrante carreira no mundo da banca... O nosso Natal este ano foi um mês maravilhoso passado numa vila nas margens do Lago Como, onde nos habituámos a encontrar uma certa estrela de cinema mundialmente famosa, quase diariamente. O Jeffrey ficou com ciúmes da atenção que ele me deu certa vez, quando eu acidentalmente deixei os meus óculos de sol ao lado do carro dele!».

— Como é que vou escrever uma coisa destas? — Essie retraiu-se ao contemplar a ideia e fez uma careta. — Só de *pensar* nisso dá-me vontade de morrer de vergonha.

— Oh, mas isto é mais do que maravilhoso. — Apontando para o último parágrafo, Scarlett deu uma gargalhada. — «Mal podemos esperar que as hordas desçam neste Natal para uma semana de alegria e celebração! Os nossos filhos e família alargada estão ansiosos para virem até nós para que possamos celebrar juntos a época festiva da maneira tradicional!» — Ela bufou. — Ah, claro que sim. Imagino o quanto estão ansiosos por isso.

— Bem, segundo o Paul, o suposto retiro de ioga da Letitia era na verdade uma clínica de reabilitação — confidenciou Essie. — O Jonathan é um sabe-tudo insuportável que gosta de alvejar pássaros da janela do seu quarto com uma arma de ar comprimido. E a Arabella é uma oferecida cujo passatempo favorito é dormir com os maridos de outras mulheres.

— Vês? É este o problema deste tipo de coisas. — Scarlett agitou o papel com um ar triunfante. — Porque é que as pessoas têm sempre de fingir que as suas vidas são perfeitas? A única coisa que conseguem é fazer os outros sentirem-se um fracasso. Porque é que não podem ser honestos em relação ao que está a acontecer?

— Exato. — Essie assentiu vigorosamente. — Assim gostaríamos *mais* delas. Faz muito mais sentido!

— Isso. O que é que estávamos a dizer há pouco sobre não sabermos o que comprar uma à outra no Natal? — Scarlett abriu as mãos. — Bem, problema resolvido, vamos fazer isto em vez de comprar prendas. Vou escrever uma carta completamente honesta para ti e tu escreves uma para mim. E ninguém mais as lerá, serão o nosso segredo. Que tal?

Refletindo sobre a ideia, Essie repartiu o vinho que restava pelos dois copos.

— Cem por cento honesta?

— Sem barreiras. Toda a verdade. Será como terapia, mas mais barato.

— E é só entre nós? — perguntou novamente.

— Claro. Um milhão por cento.

— OK, vamos a isso. — Scarlett confiava nela, e ela, por sua vez, confiava em Scarlett. — Vai ser divertido. E barato! — Essie ergueu

o copo. — A verdade, toda a verdade e nada mais do que a verdade. Tchim-tchim!

E como não havia melhor momento que o presente, assim que Scarlett saiu para apanhar o último autocarro para casa, Essie decidiu começar. Sentada com o portátil equilibrado nos joelhos e a mente cheia de ideias, começou a escrever.

Como o tempo voou. As palavras, ajudadas pela garrafa de *Sauvignon Blanc* que tinham esvaziado anteriormente, saíram em cadupa. Era mesmo divertido. E tão catártico! A sério, o mundo não seria um lugar mais feliz se todos pudessem apenas relaxar, pôr de lado as suas inibições e escrever uma coisa assim? Era provavelmente como nos velhos tempos, quando as pessoas escreviam diários, só que era muito mais divertido porque Scarlett em breve a leria, gritando de tanto rir e apreciando cada...

Céus, que barulho fora aquele? Estava um *golfinho* na cozinha?

Essie empurrou o portátil para um lado e saltou do sofá, porque o som era tão agudo que estava a magoar-lhe os ouvidos. Em seguida, gritou e saltou novamente para o sofá quando *Ursula* entrou na sala de estar com um corvo apavorado e aterrorizado na boca.

— Não! — Essie soltou um grito de horror porque os olhos do corvo estavam arregalados e ele estava a fazer um ruído terrível. Tal como ela. O pássaro também batia as asas descontroladamente numa tentativa de escapar.

Oh, céus, era *tão* nojento. Nas poucas semanas em que Essie estivera a viver ali, *Ursula* trouxera-lhe presentes na forma de ratos e outros pequenos roedores, mas todos estavam completamente mortos.

Isso já fora suficientemente horrível, mas aquilo era pior. Essie gritou:

— *Larga já isso, LARGA!* — Então percebeu que isso significaria que teria de pegar no corvo. Argh, e o barulho estridente que emanava do seu bico escancarado estava a tornar-se cada vez mais alto. Erguendo-se das almofadas do sofá, ela bateu as palmas e tentou espantar a gata assassina para a cozinha.

—*Crácrácrá!* — grasnou o corvo petrificado, a bater as duas asas enquanto *Ursula* se abaixava e corria pela sala de estar com o corpo do pássaro pendurado na boca.

— *RUA!* — gritou Essie, pegando numa almofada e brandindo-a contra *Ursula*. Oh, não, e agora havia gotas de sangue a pingar no tapete. Em desespero, ela abriu a janela e perseguiu a gata pela sala de estar mais algumas vezes. Era como um daqueles *sketches* frenéticos do Benny Hill que o seu avô adorava ver na televisão anos antes, com a diferença de que isto tinha menos de comédia e mais de pesadelo.

Por fim, *Ursula* soltou o corvo. Ela lançou um olhar furioso a Essie, como se dissesse: «É assim que me agradeces?», antes de dar meia-volta e sair da cozinha pela portinhola para gatos na porta das traseiras.

Evidentemente aliviado, o corvo levantou voo, voou em círculos pela sala de estar e defecou vitoriosamente várias vezes, como se celebrasse ter escapado com vida.

— Não, *não* — gritou Essie, abaixando-se enquanto ele voava baixo por cima dela, falhando a sua cabeça por pouco. O seu coração batia acelerado, em pânico; ela odiava ver uma criatura viva a sentir dor, mas as asas que batiam freneticamente faziam-na sentir-se mal.

Momentos depois, tão subitamente como entrara, o corvo encontrou a janela aberta e voou para a rua, desaparecendo com um voo ascendente no frio céu noturno.

Graças a Deus. Até que em fim.

Essie ouviu o silêncio abençoado e levou uma mão aliviada ao peito ainda em sobressalto. Depois, fechou apressadamente a janela, antes que o pássaro pudesse voltar a entrar, e virou-se para examinar o estrago.

Era uma carnificina. Havia penas espalhadas por toda parte e minúsculos pingos de sangue que não se veriam se Paul tivesse escolhido um tapete escuro com padrões, em vez de um simples tapete bege. Mas não era o caso, o que significava que eram muito visíveis. E havia manchas de caca de corvo em tons de branco e preto. Que mais uma pessoa poderia desejar às onze e meia da noite?

Essie expirou lentamente. Não havia mais nada a fazer; teria de tentar limpar aquilo o melhor que pudesse antes que secasse. O tapete

fora caro. Se Paul estivesse ali, estaria a fazê-lo sozinho, mas uma vez que ele estava em Londres em negócios, a tarefa cabia-lhe a ela.

Quarenta minutos depois, a portinhola do gato abriu-se e a pretenza assassina entrou e sentou-se no sofá a observar a operação de limpeza sem pestanejar.

— Obrigada, *Ursula*. — Enquanto esfregava o tapete, Essie notou que as patas dianteiras da gata estavam encolhidas debaixo do seu corpo. — Não, a sério. Muito obrigada. És uma grande ajuda.

Eram vinte para a uma da manhã quando terminou o trabalho, tendo esfregado as manchas até os braços e os ombros lhe doerem. *Ursula*, que estava a dormir, abriu um olho lacónico enquanto Essie levava os produtos de limpeza até à cozinha e lavava as mãos uma última vez. Por fim, pôs a chave suplente debaixo do vaso ao lado da varanda para que Jay pudesse entrar quando chegasse.

Pronto, estava tudo feito.

Agora estava de rastos.

Cama.

Capítulo 4

Sete horas depois, Essie foi arrancada do sono pelo toque do seu telemóvel que estava na mesa de cabeceira. Atrapalhando-se, e ainda com os olhos fechados, ela carregou em «Atender» e murmurou:

— Sim?

— Oh, meu Deus, Ess! O que é que tu fizeste? O que aconteceu quando te deixei ontem à noite?

O simples gesto de estender a mão para o telemóvel e de o segurar junto ao ouvido exacerbou a dor que tinha no ombro depois de tanto ter esfregado. Essie virou-se de costas.

— Não me lembres. Que pesadelo! A *Ursula* trouxe um corvo vivo pela portinhola e correu pela casa com ele na boca, depois soltou-o e ele esvoaçou e fez *cocó* por toda a parte e havia manchas de sangue no tapete... Foi a coisa mais horrível que me aconteceu em anos...

— Espera, espera — interrompeu Scarlett. — Não estou a falar da *Ursula*. Estou a falar do e-mail.

— Qual e-mail?

— O que tu enviaste. A carta que combinámos escrever! Ess, abriste outra garrafa de vinho depois de eu sair?

— O quê? — Essie franziu a testa. Tinha aberto outra? Não, não houvera mais vinho, apenas muito *Cif* e esponjas e água quente com sabão e tira-nódoas. — Não enviei nenhum e-mail. Estou 100 por cento certa.

— Pois, alguém o fez! OK, escreveste uma carta?

— Sim, mas não ta enviei.

— Exato, não a enviaste para mim. — Scarlett suspirou. — OK, prepara-te. Enviaste-a para toda a tua lista de contactos.

— Não... Eu não enviei nada a ninguém. — O estômago de Essie começou a apertar-se com medo, reagindo mais depressa do que o seu cérebro recém-acordado. — Eu escrevi-a, mas foi só isso. O que é que queres dizer com isso de ter enviado para toda a minha lista de contactos? Não posso tê-lo feito... É impossível. Estás a brincar? — Mal proferiu as palavras, atirou o edredão para trás e saltou da cama.

— Quem me dera. Isto não é uma piada. Ess, eu não entendo, está aqui no meu telemóvel, estou a olhar para ela agora. Foi enviada para mais de 200 endereços de e-mail...

Oh, merda. *Merda*. Agora Essie nunca estivera mais acordada na sua vida. Engolindo uma onda de náusea, ela abriu a porta do quarto e ouviu o som da televisão no andar de baixo.

Não servira de nada ter preparado a cama do quarto de hóspedes. Depois de uma boa noite fora, Jay sempre preferira cair no sofá e adormecer com a televisão ligada. E sim, ali estava ele, deitado sem sapatos, mas completamente vestido.

E ali estava o seu portátil, pousado na mesa de centro de mármore. Onde o deixara antes de ir para a cama? No sofá com a tampa aberta. Agora a tampa estava fechada. Os joelhos de Essie tremiam enquanto ela descia as escadas, abria o computador e via o que já sabia que veria.

Mas ver as provas a preto e branco trouxe um nível totalmente novo de pânico e desespero, à medida que a enormidade do que isso significava se tornava clara para ela. Não era possível que tivesse acontecido outra coisa.

— Oh, meu Deus, seu *estúpido*... — Não servia de nada; as palavras faltavam-lhe. Não lhe ocorria nada suficientemente cruel. Essie sacudiu o ombro do irmão, o que não produziu uma reação, e depois deu-lhe um forte empurrão que o fez cair no chão com um baque surdo.

— *Ai* — queixou-se Jay, acordado e olhando-a incrédulo. Ele pestanejou. — Porque é que fizeste isso?

— O e-mail que enviaste. Foste tu, não foste? Não acredito que fizeste uma coisa dessas. — Ela tentou dar-lhe um pontapé na perna com os seus pés descalços, mas estava tão zangada que conseguiu falhar completamente. — Eu deixo-te dormir aqui e é assim que me pagas? Como é que pudeste *achar* que seria uma boa ideia?

— O quê... — Ele franziu o rosto em aparente confusão.

— Nem tentes esquivar-te. Deixei o portátil aberto, tu viste o que eu tinha escrito e tinhas bebido o suficiente para acares que seria muito engraçado enviá-lo a todos os meus contactos. Jay, estou capaz de te matar. É que sabes uma coisa? Não tem graça. O que tu fizeste vai causar-me um sem fim de problemas. Pode destruir tudo, não entendes? *Tudo*. Enviaste-o para o Paul, para a *mãe* dele... Nem consigo imaginar o que vai acontecer quando eles o virem, e *a culpa é toda tua*.

— OK, ouve... Eu não fiz nada. Eu sei o que aconteceu — disse Jay subitamente. — Foi a gata. Ela caminhou por cima do teclado. Aposto que foi isso. Tu sabes como são os gatos.

Essie olhou para ele.

— Estás realmente a sugerir que foi assim que o e-mail foi enviado?

— Sim!

Ela levantou a voz.

— E esperas realmente que eu acredite?

— É o que os gatos fazem! Eles andam por cima das coisas! — Ainda no chão, Jay curvou os dedos das mãos e imitou patas de gato.

— Então achas que a *Ursula* seleccionou *Todos* e depois *Enviar*. Claro que sim. Oh, céus, o Paul vai deixar-me, a mãe dele vai despedir-me, a minha vida vai acabar e eu *nunca* te vou perdoar por isso... Argh! — Essie soltou um grito de alarme ainda mais alto quando, atrás dela, alguém pigarreou. Ela voltou-se, estonteada. — O que se passa? Quem diabos é você?

— Sou o Lucas. Lamento. Fui eu que o fiz. A culpa é minha.

— Vocês fez *o quê?* — Essie olhou para o estranho na sala de estar, depois novamente para o irmão ainda caído no chão. — Quem é ele? O que é que ele está a fazer aqui? — Era como o pior tipo de sonho, só que não estava a sonhar. Isso seria demasiado fácil.

Jay encolheu os ombros.

— Ele chama-se Lucas. Conheci-o na festa ontem à noite. Perdeu o casaco com a carteira e as chaves e não conseguia ir para casa. E eram 4 horas da manhã, portanto, eu disse-lhe que podia ficar aqui. Eu sabia que não te importarias.

— Estás a dizer-me que um perfeito estranho passou a noite no nosso quarto de hóspedes, mesmo sem fazeres a menor ideia de quem ele era. E nem te ocorreu perguntar-me se eu me importava?

— Oh, vá lá! — Protestou Jay. — Às 4 horas da manhã? Disseste-me para não te acordar! De qualquer forma, se eu tivesse perguntado antes, tu sabes que terias dito que sim.

— Eu ofereci-me para dormir no sofá — disse Lucas —, mas o teu irmão insistiu para que eu ficasse com a cama.

— Mas primeiro decidiu enviar a minha carta para toda a gente? — Essie mal suportava olhar para ele; estava a tremer. — Porquê? Porque é que fez uma coisa dessas?

— Sinto muito. Sinto muito. Foi uma péssima ideia. — Ele abanou a cabeça, impotente. — Fomos a uma grande festa, bebemos uns copos... bem, bastantes copos... depois voltámos para aqui de táxi. O Jay pegou no teu portátil para o pôr num lugar seguro, e foi quando todas as coisas que estavas a escrever apareceram no ecrã. Então, nós lemos, e achámos que era hilariante, e quando o Jay foi à casa de banho eu... sabes, tipo... enviei.

— Porquê?

Ele encolheu os ombros.

— Suponho que achámos que era engraçado, portanto, porque não proporcionar umas gargalhadas a mais pessoas? Foi uma daquelas decisões imbecis, espontâneas. Quando dei por mim estava a carregar no botão *Enviar para Todos*, e depois fechei o portátil e fui para a cama. O teu irmão não teve culpa. Ele não sabia o que eu tinha feito. Foi tudo culpa minha.

Com os dentes cerrados, Essie disse:

— Lindo.

— Mais uma vez, desculpa. Sou um imbecil.

— Eu escrevi coisas horríveis sobre a mãe do meu namorado. Era uma piada privada entre mim e a minha melhor amiga. Ninguém mais deveria lê-las, muito menos as pessoas sobre quem escrevi. Mas agora enviaste-as para elas. — Essie sentiu uma dor surda no peito. Sabia que estava em choque; o seu cérebro estava a fazer o possível para a proteger, bloqueando o pior dos pensamentos de pânico que ricocheteavam lá dentro.

— Existe alguma maneira de eliminarmos o e-mail? Deve haver — disse Jay.

— Não há. — Essie abanou a cabeça. — Não quando já foi enviado.

— Bem, devia haver. — Jay franziu a testa. — Alguém tem de inventar uma *app* para isso. Ia ganhar uma fortuna.

Lucas fitou-o por um longo momento, com o maxilar tenso. Depois voltou-se para Essie.

— OK, já sei. Diz-lhes que não tiveste nada que ver com isto. Eu digo que escrevi tudo. Não te podem culpar por isso, podem? Não se eu for falar com as pessoas e confessar.

Essie considerou aquela opção, desejando que fosse possível, mas já ciente de que não era. Os detalhes que incluía na carta vinham claramente dela. Ninguém mais poderia inventá-los.

— Não resulta, não funcionaria. Eles saberiam que fui eu. — Lágrimas de frustração turvam-lhe os olhos ao perceber que não tem saída. Não havia humilhação que resolvesse aquilo.

— Sinto muito — repetiu Lucas.

— Está sempre a repetir isso, mas não serve de nada. Não faz ideia do que fez. Você arruinou a minha vida, literalmente arruinou tudo. — As palavras ficaram presas na garganta de Essie enquanto ela estremeceu. — Eu nem o conheço, mas desprezo-o. — Ela detestava chorar, mas estava a acontecer ainda assim; as lágrimas corriam-lhe pelas faces e pingavam-lhe do queixo. — E nunca, nunca mais o quero voltar a ver. Saia, por favor. Saia. — Ela olhou para ele e apontou para a porta da rua. — Já fez estragos suficientes.

Quebrando o silêncio mortal que se seguiu, Jay disse:

— E eu? Queres que eu fique?

Essie abanou a cabeça.

— Não serve de nada. Não há nada que possas fazer.

— OK. — Ele olhou para Lucas.

— Vamos. Vou chamar um táxi.

Quando os dois saíram, Essie sentou-se e escreveu um longo e-mail explicativo para enviar a todos que tinham recebido a carta. Não fora sentido; fora uma piada, claro que sim. Alguém lhe pregara uma partida, escrevendo e enviando em seu nome, e não era preciso dizer que nada daquilo era verdade.

Isso resolveria o problema para a maioria dos destinatários, os que não a conheciam muito bem. Eles leriam a carta, rir-se-iam, teriam pena dela pela vergonha que passara e depois esqueceriam.

Ao contrário dos que lhe eram mais próximos. Que teriam uma reação muito diferente.

Mas tinha de o fazer. Tremendo e sentindo-se mais nauseada do que nunca, Essie abriu a carta e obrigou-se a reler as palavras que tinha escrito.

Oh, Deus...

Capítulo 5

*O*lá, aqui é a Essie!

Bem, a época festiva aproxima-se a passos rápidos e — surpresa — todos os meus maravilhosos planos para passar o último ano a melhorar-me foram arruinados. Continuo a detestar alface, não consegui passar da página oito da Anna Karenina e nunca fui àquela aula de conversação em espanhol ao fim do dia. E as séries de 60 abdominais por dia... o que é que eu tinha na cabeça? Nem pensar!

Fora isso, o ano teve um começo muito feliz quando conheci o Paul. Ele é o amor da minha vida e agora estamos a viver juntos, o que é maravilhoso, apesar de ele estar convencido de que não ressona. E é tão arrumado, que foi um pouco chocante. Não importa, tenho a certeza de que, com o passar do tempo, me vou habituar às sessões de aspiração de domingo com o Gtech de última geração.

E também tenho um novo emprego! E que coisa pode ser melhor do que trabalhar para a mãe do nosso namorado? Bem, podia ser bom se ela não fosse um autêntico pesadelo, mas a ideia foi do Paul, portanto tive de aceitar. Eles precisavam de uma nova rececionista na clínica dentária e ele insistiu que eu seria perfeita para o cargo. Mas todos os outros são bons; é só com a mãe dele que é preciso ter cuidado. Ela é tão mandona! O que é justo, suponho, tendo em conta que é minha chefe, mas precisava de ser um dragão?!

É por isso que estou apavorada com a perspectiva do Natal. Dez horas inteiras na casa dela — só de pensar nisso tenho vontade de fugir e de me

esconder. A última vez que fomos lá almoçar, ela pediu-me para pôr a mesa para o jantar, e depois disse-me para usar uma das melhores toalhas de domingo, em vez de uma toalha comum. E quando me ofereci para lavar a loiça, ela irritou-se porque lavei os talheres antes das tigelas de sobremesa. Ah, e ofereci-lhe uma mala muito bonita pelo aniversário, e ela perguntou-me de onde era. Quando lhe disse que a tinha comprado numa banca no mercado de Guildhall, ela lançou-me um daqueles olhares desdenhosos e disse: «Pois, bem me pareceu.»

Portanto, o meu melhor presente de Natal neste ano seria não ter de passar o dia com a mãe do Paul. Mas tem de ser, portanto desejem-me boa sorte. Que pena eu não poder agitar uma varinha mágica e trocá-la por uma pessoa agradável!

De qualquer forma, são estas as minhas notícias — tem sido um ano de grandes mudanças, como podem ver. Pela positiva, agora tenho acesso ilimitado a fio dental!

Feliz Natal para todos vocês.

Com muito amor,

Essie xxx

— Lamento — disse Scarlett com um tom pesaroso quando Essie lhe ligou novamente. — Sinto que a culpa é minha. Se eu não tivesse tido a ideia de escrevermos uma carta de Natal, nada disto teria acontecido.

— Também se pode dizer que a culpa foi minha por a escrever. Ou da *Ursula* por trazer aquele corvo para dentro de casa... ou do Jay por convidar aquele amigo imbecil para dormir aqui...

— Esse é o principal culpado — concordou Scarlett. — Foi ele que a enviou. Foi pura maldade.

Essie sentiu-se mal novamente.

— Eu sei. — Embora ele não o tivesse feito por mal. Apenas por estupidez.

— Já tiveste notícias de mais alguém?

Ela estava a falar de Paul e da mãe.

— Ainda não. Ainda tenho de passar por isso.

— Oh, Deus. — Praticamente conseguia ouvir Scarlett a encolher-se de compaixão do outro lado. — Boa sorte.

O som da chave a girar na fechadura da porta da frente, duas horas depois, fez Essie dar um pulo. Paul deixara a sua importantíssima conferência de negócios de fim de semana em Dulwich e conduzira até casa pela M4.

Bastou-lhe olhar para o rosto dele para saber tudo.

Não era nada que não estivesse à espera, tendo em conta que ele não respondera às suas mensagens de voz ou SMS.

Agora ele estava a estudá-la.

— Não sei o que é que pensaste que estavas a fazer — disse ele, friamente —, mas espero que estejas feliz com o resultado.

— Claro que não estou feliz! Foi um acidente. — Essie abriu as mãos. — Um erro terrível. Era para ser uma piada e a tua mãe nunca deveria tê-la visto!

— Ela sempre disse que eu merecia melhor. Parece que tinha razão.

Marcia dissera realmente aquilo? *Bolas*. Mas Essie sempre soubera, no fundo, que a sua educação modesta não cumpria os altos padrões de Marcia.

— O que importa não é se a lemos ou não — disse Paul. — O que importa é que a escreveste. A minha mãe deu-te aquele emprego na clínica e é assim que lhe agradeces. E é assim que me agradeces por te recomendar para o cargo.

Ele estava furioso e era compreensível; não havia sinal dos seus modos afáveis e do seu sorriso fácil. Essie disse:

— Eu sei. Foi uma coisa horrível, mas...

— Seja como for, conseguiste resolver o problema — continuou ele. — Não precisas de ter medo de passar o Natal na casa da minha mãe, porque já não estás convidada. Deves estar muito aliviada, não?

— Sinto muito. A sério que nunca quis que isto acontecesse.

— E também já não vais ter de me ouvir ressonar mais. Apesar de ser mentira.

A sua voz tinha agora um tom gelado. Essie não conseguia falar.

— É como olhar para uma estranha. — Paul abanou a cabeça. — Não és a rapariga que eu pensei que eras. Sinto que não te conheço.

Essie engoliu em seco; era oficialmente uma pessoa horrível. O que mais havia para dizer?

— E o que é *aquilo*? — Agora ele estava a apontar para o tapete, onde, à luz do dia, era visível que as manchas de sangue não tinham sido completamente removidas. Ele ergueu o olhar. — O que é que aconteceu aqui?

— A *Ursula* trouxe um corvo para dentro de casa. Ele ainda estava vivo e a pingar sangue. Limpei o melhor que pude.

— Ah, sim? Que pessoa atenciosa que és. — Ele fez uma pausa e levantou uma sobrancelha cética. — Ou tiveste uma visita daquela tua amiga barulhenta, hum? As manchas não serão de vinho tinto?

— Não era vinho! Era *sangue* — protestou Essie. Ela já fizera uma coisa muito má e fora descoberta. Ser acusada de outra coisa e ser inocente era injusto.

— Usaste o limpa-carpetes que contém lixívia. Esse é só para tapetes brancos — disse Paul. — Olha para as manchas desbotadas. Isto é um tapete berbere e custa mais de duas mil libras. — Ele abanou a cabeça, incrédulo. — Nem sequer sabes limpar um tapete.

Era difícil acreditar que apenas dois dias antes estavam a dançar juntos na cozinha, porque a sua música favorita da Adele começara a tocar na rádio, e enquanto cantavam, Paul interrompera para dizer: «Meu Deus, tenho muita sorte por te ter.» Ela sorrira e respondera em tom de brincadeira: «Sim, tens.» E então, a meio da dança, ela dera um pontapé na tigela de água de *Ursula*, fazendo-a rolar pelo chão, e ambos desataram a rir.

Tinham tantas memórias felizes.

Bem, claramente Paul já não se sentia tão sortudo por a ter.

Essie olhou para *Ursula*, que estava sentada no parapeito da janela, balançando lentamente a cauda enquanto observava a conversa tensa. Essie tinha perfeita consciência de que *Ursula* nunca gostara dela.

— Sabes que está tudo terminado entre nós, não sabes? — perguntou Paul.

— Sim. — E que maneira de acabar uma relação.

— Vais fazer uma cena?

— Não.

— Bem, suponho que devo dar graças por isso. — Enquanto ele falava, pegou no telemóvel e enviou rapidamente uma mensagem. Trinta segundos depois, Essie empalideceu quando o seu próprio telemóvel tocou.

— É a minha mãe. Ela quer falar contigo agora.

Não era um dos pontos altos da sua vida. Mas tinha de ser feito. Com a boca tão seca como o deserto do Sara, Essie disse:

— Estou?

— Estelle, obrigada por me dizeres o que pensas de mim. Tenho a certeza de que vamos desfrutar ainda mais do Natal agora que não temos de tolerar a companhia uma da outra.

Zing-zing-zingggggg, as flechas envenenadas voaram em direção ao peito de Essie. Ela engoliu com esforço.

— Ouça, posso só dizer...

— Acho que não precisamos de nos incomodar com nada disso, Estelle. Já sei tudo o que precisava de saber e aceito a tua demissão com efeito imediato. Se puderes fazer-ma chegar por escrito até ao final do dia, ficaria grata.

— Oh, mas...

— E é melhor do que mereces, minha menina. Podes dar graças por eu não te despedir.

Um estalido, seguido de silêncio. Marcia tinha desligado.

Pela janela da sala, Essie viu que começara a cair uma chuva forte.

— É melhor fazeres as malas. — O tom de Paul era desdenhoso.
— Não vais ficar aqui.

Tinha acabado. Completamente. Essie assentiu, porque não tinha como argumentar. Tinha insultado a mãe dele e era o que merecia.

Feliz Natal para mim.

*De um erro terrível
nasce algo maravilhoso.
Será que o azar pode trazer sorte?*

Bastou um clique para Essie ficar sem casa, trabalho, namorado e tornar-se a mais recente piada da Internet. Tudo por causa de um e-mail infeliz enviado acidentalmente a TODOS os contactos; uma carta privada onde, bem..., desabafara coisas horríveis sobre a mãe do seu namorado (que, já agora, também era sua chefe!). E quando a vida perfeita de Essie é arruinada, só lhe resta uma solução: começar de novo noutro sítio, fazer amigos e encontrar um emprego (de preferência, um de que goste).

E é assim que o azar de Essie a leva a uma nova cidade, onde conhece uma octogenária determinada a ser sua fada madrinha e um grupo de desconhecidos que lhe mostram o quanto do mundo ainda há para desfrutar.

Mas o que Essie não esperava era voltar a ver Lucas... O homem responsável pelo envio acidental do e-mail. Conseguirá ela perdó-lo pela forma como a sua vida mudou?



**Divertido e emocionante,
é o livro perfeito para as
leitoras que gostam de Sophie
Kinsella, Jojo Moyes e de leituras
absolutamente viciantes.**



Leia também:



TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20/20 editora	ISBN 978-989-8917-44-7 9 789898 917447 Ficção Romântica
--	---